



APARIÇÃO DE ESPÍRITOS, INTROPATIA, EXPERIÊNCIA DO OUTRO*¹

Edmund Husserl (1924)

(A CORPOREIDADE E O PROBLEMA DE EXPRESSÃO.
INSTINTO E REPRESENTAÇÃO VAZIA)

Um espírito “aparece” “desprovido de um corpo de carne”² (*leiblos*) – ele se exprime, se faz compreender por nós que somos normais, por exemplo, somente na locução, nos eventos exteriores que, pelo fato de serem verdadeiros, pressupõe um sujeito corporalmente ativo, do qual nós temos assim uma aprecepção³.

(Um espírito aparece indiretamente por meio do *medium* que escreve e fala).

Um espírito aparece - na visibilidade, mas faz desaparecer o corpo que o recebe, o corpo encarnado não pode ser apreensível⁴ nem por mim e nem pelos outros.

Um espírito aparece – na apreensão, mas nem eu, nenhum outro homem (nenhum [homem] normalmente corpóreo que esteja presente como tal⁵) não podemos vê-lo.

Um espírito aparece – de forma audível (talvez também no cheiro), ele fala, mas seu corpo visualmente carnal e tátil não está visível para nenhum de nós.

O espírito, ele mesmo, vê tudo, pode pegar tudo, pode agir no espaço como homem normal dotado de um corpo de carne. Parece então que ele tenha ele mesmo e *para ele mesmo* um corpo normal. Não poderia eu, nesse caso, percebê-lo assim simplesmente?

Um espírito pode apoderar-se de um corpo de carne estranho: o médium é possuído pelo espírito. Possessão em geral⁶.

As Questões do Aparecimento Eventual⁷

Existe um espírito invisível no meu quarto, igualmente intocável etc. Cada vez que eu o chamo, ele está “lá”. Eu não posso levantar um armário⁸ pesado: mas ele me ajuda e nós o fazemos deslizar, nós o levantamos; etc. E outros homens, em relação aqueles que eu não sou cego, no que concerne a sua corporeidade fenomenal, são também cegos em relação a eles mesmos. Até mesmo todos os homens? (É aqui que se coloca o problema da cegueira advinda da hipnose). Como o espírito vê a si mesmo e como ele vê o seu meio⁹ onde ele penetra¹⁰ ativamente? Eu já fiz a pergunta: não tem necessariamente um corpo encarnado por ele mesmo, constituído por ele mesmo como o meu é fenomenalmente constituído para mim mesmo? Por outro lado: como se pode ser um cego em relação a existência^{11 12} fenomenal efetivamente constituída para um eu, e como então pode entrar este sujeito em comunicação conosco?

Agora se quer saber finalmente qual sentido tem essas aparições e a fé¹³ que se confirma.

1 Avaliação editorial e revisão do texto original alemão: Prof. Drnd. Yuri Alexandre Ferrete (Universidade de Lisboa/Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Orcid: 0000-0001-6141-2437) e Leonardo Uderman (Universidade de Lisboa – Orcid: 0000-0002-3641-338X).

2 Os tradutores mantiveram a expressão literal, que pode ser entendida como corpo físico ou corpo encarnado (Nota da Tradução).

3 Nota do Editor: em eventos exteriores, que, enquanto teleológicos, pressupõem um sujeito corporalmente ativo, e dos quais nós temos assim uma aprecepção (*in äusseren Ereignissen, die als zweckvolle sonst ein leiblich handelndes Subjekt voraussetzen und so von uns apperzipiert werden*).

4 Nota do Editor: não é apreensível (*sein Leib ist weder für mich noch sonst für Andere greifbar*)

5 Outro possível sentido para esta frase: “nem o próprio homem que o recebe pode vê-lo” (N.T.).

6 Ou a possessão propriamente dita (N.T.).

7 Nota do Editor: Outra tradução possível é: “As questões da designação possível”. No alemão, original: “Die Fragen der möglichen Ausweisung”.

8 Nota do Editor: Caixa/Baú (*Kiste*)

9 Nota do Editor: *Umwelt*

10 Nota do Editor: ou “intervém” (*eingreifen*)

11 Relativo à palavra “coisa” (N.T.).

12 Nota do Editor: coisidade (*Dinglichkeit*)

13 Nota do Editor: crença (*Glaube*)

*Tradução da versão francesa publicada em 1992. “Apparitions d'esprits, intropathie, expérience de l'autre” (1924). *Études Phénoménologiques*, 8(15), 5-23. Tradução francesa realizada por Olivier Depré, do original em alemão, referente ao texto Nr.16 e do Apêndice XLII, extraídos do volume XIV da *Husserliana*, pp. 324-340 (*Husserliana – Edmund Husserl, Gesammelte Werke. Band XIV, Zur Phänomenologie der Intersubjektivität, Zweiter Teil*). Tradução para o português a cargo de Nilde Selma Aguiar Carvalho (Universidade Federal do Maranhão, Orcid 0000-0002-1779-8157) e do Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Universidade Federal do Maranhão, Orcid 0000-0001-6145-934X).



Qual pode ser o conteúdo original dessas aparições¹⁴ e seu sentido legítimo?

Pesquisa sistemática sobre os casos normais e os de graus de anormalidade. A existência de outrem [está] na sombra. O ambiente (*Umwelt*)¹⁵ [é/está] noturno e a camada de aparição visual é suprimida. A vida comunitária, a compreensão mútua e a ação comum [são/estão] na noite idealmente perfeita. Mas é o dia para o mundo de aparições tocáveis, assim como para o mundo de aparições audíveis, todas as camadas de aparição constitutivas mediatas e inclusas. Pergunta-se: seria possível que isto seja visualmente o dia e tatilmente a noite tratar-se de uma “noite” intersubjetiva?

Quais formas fundamentais de uma constituição intersubjetiva possível são *a priori* pensáveis, quais camadas uma coisa fenomenal constituída deve ter como objeto de experiência possível? Em que consiste a anomalia da noite na sua relação com o “possível” nascimento do dia (anomalia no quadro de uma normalidade concreta)? O sujeito singular anômalo, o grupo anômalo de sujeitos singulares. O cego “singular”, isso não é mais que uma noite para ele¹⁶, uma noite visual. O indivíduo que sofre de cegueira mesmo¹⁷ (a “doença”). Doença de um só órgão do tato, mal de todo seu “senso de tocar”. O surdo singular (eventualmente e unicamente surdo às qualidades singulares, surdo aos sons, eventualmente totalmente surdo). Eis aqui o discurso exterior do homem e do sábio normais e naturais¹⁸. Mas que tudo isso não seja considerado de exterior¹⁹, para os homens de uma comunidade humana que está em si-mesmo norma, mas que seja considerado de maneira fenomenológica e puramente imanente, entre parênteses, como se estivesse constituindo²⁰ um outro eu. E é preciso proceder assim para estabelecer o legítimo sentido dessas aparições espirituais²¹.

Os “espíritos” são aqui sujeitos dos quais se faz uma experiência anômala, isto é, verdadeira qual uma comunidade humana faz experiência. O “espírito” é um conceito correlativo do homem normal^{22a} dentro de uma intersubjetividade normal.

Como o que eu represento o espírito? Como “alguém” que se anuncia e age²³ no nosso mundo de aparição intersubjetiva normal. O que isso poderia significar para mim e para “todos nós” se nós não fizemos previamente a experiência de uma expressão normal no campo de corporeidades de carnes normais? E o que isso pode significar após esta doação originária de significação para expressão de uma personalidade? Mais uma vez, eu só posso naturalmente representá-lo como um homem²⁴, simplesmente como um homem que eu não vejo e que nenhum de nós vê, sobre o qual nós não fazemos eventualmente experiência em nenhum dos modos de aparição normais.

Isso pode querer dizer que existe tais [homens] normais (ou seja, experimento visual, tátil, etc.), somente que nós não os poderíamos ter dado a eles²⁵ – e então nós os suporemos, tal como este ou esse que nos chega por outro lado em razão de referências psico-físicas anormais (um aparecer normal depende de razões normais de como são suas condições). Então, as produções correspondentes de condições normais seriam possibilidades abertas, e o trabalho²⁶ consistiria somente em seus espíritos – estes homens totalmente habituais²⁷ – se referem a nós em/dentro de uma relação de experiência anômala, que nós somos totalmente anormais²⁸ em face deles todos; um homem verdadeiramente normal que entraria, pegaria o que é chamado de espírito por um homem habitual, o vendo, o tocando, etc.

Quais são então as outras possibilidades? É preciso ainda se dar conta que os espíritos são, mesmo se a gente pensa neles sob o modo humano, os sujeitos para os quais as paredes não são paredes, sujeitos que violam as leis da natureza, pelo agir corporal da sua carne²⁹, que penetra no meio dos corpos materiais (*Körper*) com seu corpo de carne espiritual, etc.

Mas não devemos nós dizer que o espírito que fala e que intervém de uma maneira ou de outra no nosso mundo de aparições é apresentado, experimentado, co-percebido pela indicação que se realiza nessas “exteriorizações”? E tal é o seu³⁰ modo possível de experiência original.

Nós que somos *normais*, não temos para nós um primeiro campo de expressão original dentro da nossa corporeidade de carne fenomenal constituída de matéria intersubjetiva. Fundado [nesta corporeidade] se constitui (nos nossos campos de ação externos pela primeira ação constituídos pela primeira ação puramen-

14 Nota do Editor: “designação” (*Ausweisungen*)

15 *Umwelt* pode ser traduzido por “mundo circundante” (N.T.).

16 Nota do Editor: É noite só para ele (*nur für ihn ist es Nacht*)

17 Nota do Editor: Atualmente cego (*der einzelne taktuell Blinde*)

18 Nota do Editor: Este é o discurso dos homens naturalmente normais e cientistas (Das ist die Aussenrede des natürlichen normalen Menschen und Wissenschaftlers)

19 Nota do Editor: De fora

20 Nota do Editor: como se fosse constituído (*als ob ein anderes Ich konstituiert wäre*)

21 Nota do Editor: designações dos espíritos (*Geisterausweisungen*)

22 ^a Nós lemos *zu normalem Mensch* antes de *zu normaler Mensch* (Nota da Tradução francesa).

23 Nota do Editor: *bekundet und in ihr wirkt*.

24 Nota do Editor: Naturalmente, posso somente representá-lo mais uma vez como homem (*Natürlich kann ich ihn nur vorstellen wieder als Menschen*)

25 Nota do Editor: *nur dass wir sie nicht gegeben haben können*

26 Nota do Editor: Coisa/objeto (*Sache*)

27 Nota do Editor: convencional/ordinário/rotineiro (*gewöhnlichen*)

28 Nota do Editor: anômalos (*anomal*)

29 Nota do Editor: com as atividades corporais (*mit ihrem leiblichen Tun*)

30 Nota do Editor: o único modo possível (*die einzig mögliche Weise*)



te corporal – ou seja como atividade dirigida sobre a corporeidade fenomenal³¹) dos campos de expressão secundários³².

Precisemos³³, no entanto: meu corpo de carne ele mesmo (em si), como corpos carnis é constituído de formas e de sequências fenomenais de uma exterioridade existente³⁴ na qual se indica a interioridade própria das formas de sequência correspondentes; o corpo de carne externo traz uma interioridade apercebida e embaixo ou por trás disso uma corporeidade de carne interna, um campo originário do “eu me movo³⁵” (ele é/está), o portador original dos campos de sensações etc., de sensações localizadas^{36b}.

As exteriorizações fonéticas, além do discurso pronunciado deliberadamente, “pertencem” à corporeidade de carne externa, assim como o som pertence às coisas sonoras. Entretanto, isso pode também já ser percebido como um efeito externo. Mas, como exteriorizações eles exprimem a interioridade e pertencem à corporeidade de carne interna; ou ainda, à região do “eu crio³⁷” “eu me movo³⁸” “eu efetuo”. Minha escrita, se a considerarmos como pertencente à corporeidade da carne externa³⁹, é um efeito exterior, como um efeito que reenvia à causa, parecida com a locomoção de um carro que deixa um traço na areia após sua passagem. Todavia, é minha escrita um feito alcançado/realizado na corporeidade de carne interna e dentro da alma interior. (Observemos a extensão da corporeidade de carne por uma ligação física e eventualmente arbitrária de certas coisas com minha corporal de carne; eu toco, eu bato com um bastão que eu segurei, como eu toco e bato com o meu punho, etc.)

Cada um dos efeitos segundo a casualidade de meu corpo e carne não são simplesmente físicos, mas cada evento subjetivo-corpóreo de carne (como ele é especificamente corporal e egóico no meio) remete a/e exprime eu, minha ação e meus motivos dentro da conexão de vida subjetiva^{40c}. Um campo de expressão mediato formado em si é o da *linguagem*, da linguagem acústica e da linguagem ótico-tátil, de uma maneira sistemática. E, produzido a um grau superior e formado sistematicamente pelo significado e pela designação, a linguagem exprime tudo sem exceção, ou se fixa a tarefa possível de fazê-lo. Na sua função de expressão compreensível intersubjetiva, torna até certo grau, supérfluas, todas as indicações naturais e outras de ordem do animado (*seelisch*), na corporeidade de carne.

De onde a questão de saber qual a parte do seu enraizamento corporal carnal é, a priori, necessário para que a linguagem possa ser função de expressão intersubjetiva; ou ainda, de qual parte da corporeidade de carne normalmente constituída pode ser feito abstração para queum meio comum e uma compreensão natural comum para a linguagem, em consideração ao meio, sejam ainda possíveis.

O primeiro sinal, o sinal originário: o “eu me movo⁴¹” bilateral (uma face interna e uma face externa) indica a interioridade através da exterioridade. Se por um lado, o “outro” é originalmente provado⁴² e a comunicação produzida, então uma criação deliberada de movimentos subjetivos do corpo de carne próprio pode servir de sinal deliberadamente do interior. Como assim? Um movimento dos corpos de carne próprio é imediatamente “compreendido” pelo outro, originalmente provado⁴³, sentido. Como eu chego a comunicar isso em relação a um ato próprio de representar, de pensar, de querer, etc. e a propósito de estado de feito exterior como uma exigência explícita [formulada] em relação aos outros, etc.?

Inicialmente existe a constituição da corporeidade de carne em si. A constituição da unidade da corporeidade de carne externa e da corporeidade de carne interna: a “localização” dos campos de sensação ou de seus *data*⁴⁴ de sensação da esfera do tocar e de seus *data* de calor e de frio, etc. que lhe pertencem, sobre a corporeidade material do corpo de carne (*Leibkörperlichkeit*) que aparece exteriormente. A constituição das partes materiais do corpo de carne como órgãos do tocamos quais são “transferidas” do cinestésico e que se movem exteriormente no “eu me movo”, ou que possuem modos de movimentos por vezes do lado externo e do lado interno, que são às vezes mecânicos e subjetivos. Simultaneamente, cada “órgão do tocar” é órgão do *tocar* na medida onde cada “eu toco” subjetivo é um tocar mecânico e onde cada movimento bilateral “eu coloco meu dedo em contato com esta mesa” não é somente uma sucessão de dados de sensação “à” superfície de contato “bilateral” do dedo; mas uma sucessão de *aparções* tácteis da mesa como propriedades e lados tácteis da mesa que se apresenta de forma perceptível dentro da cadeia/ *data* de sensação (então sucessão subjetiva

31 Nota do Editor: nos nossos campos de ação externa constituídos pela ação primeira, puramente corpórea – nomeadamente, como ação sobre a corporeidade fenomênica (*in unseren, durch das erste, rein leibliche Wirken – nämlich als Wirken an der phänomenalen Leiblichkeit – konstituierten äusseren Wirkungsfeldern*)

32 Nota do Editor: constituem-se [...] campos de expressão secundários (*Darin fundiert konstituieren sich sekundäre Ausdrucksfelder/ se constituent [...] des champs d'expression secondaires*)

33 Nota do Editor: Porém, precisamente (*doch genauer*)

34 Nota do Editor: coual (*dinglichen*)

35 Nota do Editor: eu me movo (*ich bewege*)

36 ^b Mediamente a sensação exterior pelos bastões, etc., o “eu morto” das coisas exteriores, mediato (Nota da Tradução francesa).

37 Nota do Editor: eu crio (*ich erzeuge*)

38 Nota do Editor: eu me movo (*ich bewege*)

39 Nota do Editor: Vista de fora (*ausenleiblich betrachtet*)

40 ^c O fato de exprimir significa inicialmente uma indicação (*indikation*) constituída passivamente e uma unidade constituída indicativamente, é nisso que se ampara o eu ativo: a expressão é algo a se acreditar e utilizar ativamente, passa-se indicação (*anzeige*) e aos discursos deliberados (Nota da Tradução francesa).

41 Nota do Editor: Eu me movo (*ich bewege*)

42 Nota do Editor: experienciado (*Erfahren*)

43 Nota do Editor: originalmente experienciado (*ursprünglich erfahren*)

44 Nota do Editor: “data”, em latim, no sentido de “dados”.



com intencionalidade objetiva).

A constituição do olho como um órgão corporal móvel e como “órgão da visão”. As sensações visuais e o campo das sensações não são “localizadas” nele como parte do corpo de carne, o campo não é “posto sobre” esta parte corporal carnal, mas o movimento ocular subjetivo está/ é religado à série/sequência subjetiva de sucessões de “imagens de percepção” visual, de aparições subjetivas de coisas que possuem do seu lado uma ligação perceptiva com possíveis movimentos da mão tocantes que eu posso eventualmente colocar em jogo e de séries/sequências de aparições tácteis das mãos e mesmo de outros órgãos.

É assim que as multiplicidades de aparições de cada coisa é, de início, duplamente constituída (ou ainda, nela a coisa é como uma unidade), e para dizer a verdade, as [aparições]visuais de remetem à visão binocular (*Doppelaug*) e de início, as [aparições] tácteis de cada órgão do tocar se reportam a esse órgão aqui do tocar. Em seguida, [se fazem] as ligações de cadeias de aparições desses órgãos uns com os outros (nesse caso, não são dois órgãos que se ligam como se ligam os dois olhos binoculares).

O corpo de carne como órgão de efeito, segundo a causalidade no ambiente, órgão de impulsão, etc. das minhas ações no ambiente, da produção de resultados finalizados⁴⁵.

O corpo de carne como órgão dos órgãos de segundo grau, de coisas/ materiais⁴⁶ como extensões do corpo de carne; órgãos tácteis mediatos, órgãos mediatos de impulsão da quebrade elevação.

O eu como eu de “faculdades” corporais carnis, de capacidades corporais, o eu como esse do qual sou capaz por meu corpo de carne; meu corpo de carne na particularidade de propriedades de faculdades corporais carnis. “Está-se” aqui na direção de uma atividade em vista de um fim no ambiente.

O ambiente não é constituído somente como natureza física, como unidade de aparições,mas como um ambiente moldado por mim (e por outro) de forma apropriada. Transformação de coisas segundo o objetivo desses acontecimentos teleológicos [presos] na sua bilateralidade.A forma advinda, em repouso ou em movimento, reenviando a essas ações teleológicas , auma criação deliberada, traz em si um sentido teleológico, uma propriedade permanente a ser disponível pelas atividades teleológicas como ferramenta e também como meio de formação. Aqui também, tem-se uma dupla camada. Um sentido teleológico remetendo a um eu com umcorpo de carne egóico, com faculdades corporais carnis, mas também com desejos, valorizações, fixação de objetivos, etc.

O corpo de carne dentro de suas outras formas ou camadas de aparição como corpo de carne. As sensações comuns, os sentimentos sensíveis. Os sentimentos de dor ou de prazer estritamente “limitados” em relação à localização determinada e a extensão do campo do tocar ou da superfície exterior do corpo de carne, etc. Os sentimentos comuns limitados, eventualmente localizados de maneira indeterminada atravessando⁴⁷ o corpo de carne inteiramente, irradiando o “coração” localizados dentro da cabeça (não sobre o couro cabeludo). Etc.

As ações do eu, a afeição do eu, a atenção⁴⁸, etc. na sua relação com o corpo de carne.

Tudo isso é finalmente⁴⁹ unificado e não se tem, no entanto a um único nível⁵⁰. Ele se reagrupa em uma camada central, que eu procuro designar com o termo de “corporeidade de carne interna”, tal como o ambiente a sua camada central na natureza sensivelmente intuitiva, que do seu lado tem uma relação particular com a camada central do corpo carnal.

São igualmente importantes as afecções tais como a cólera, a vergonha, a angústia etc. noseu tipo de sucessão múltipla, dentro da sua estrutura de aparição interna, pertencentes, para a parte fundamental a mais essencial, à corporeidade de carne interna, mas tem, por outro lado, partes exteriores; [não existem] simplesmente na cólera as formas de sucessão exteriores de movimentos violentos⁵¹ e aferentes dos membros do corpo material e de todo o corpo de carne dentro do “eu me movo⁵²” (inicialmente isto que é egologicamente característico, visível e indiretamente apresentado), mas também o que, na afecção específica da cólera, reenvia à corporeidade de carne como exterioridade por suas sensações comuns, seus sentimentos comuns, etc. Na vergonha “pungente”⁵³ eu testo também o fogo nas bochechas. Eu não vejo o avermelhamento, mas se eu já tenho uma percepção do outro como outro [se eu me encontro] em uma situação indicadora, por outro lado, eu “vejo” igualmente nele a vergonha “pungente” e indiretamente se associam em mim o rubor e o “fogo”.

Este exemplo mostra que a formação de associações mediatas, que não podem ser originalmente formadas egologicamente podem ainda se formar exatamente pelo desvio da intropatia.

É uma questão⁵⁴ de grande importância: saber como eu aceito⁵⁵ para mim as camadas nãoopercebidas que só podem aparecer⁵⁶ para mim por via da intropatia. Então, trata-se, aqui háum problema específico importante no que concerne à formação de associações e aparições.

45 Nota do Editor: com uma finalidade (*zweckmässiger Erzeugnisse*)

46 Nota do Editor: ferramentas (*Werkzeuge*)

47 Nota do Editor: fluindo através (*durchströmend*)

48 Nota do Editor: *Aufmerken*

49 Nota do Editor: no final (*schliesslich*)

50 Nota do Editor: não se localiza, no entanto, em um único nível (*liegt doch nicht in einer Ebene*)

51 Nota do Editor: veemente (*heftigen*)

52 Nota do Editor: *ich bewege*

53 Nota do Editor: queimante (*brennenden*)

54 Nota do Editor: tema (*Thema*)

55 Nota do Editor: recebo (*bekomme*)

56 Nota do Editor: *zuwachsen*



É preciso, agora, proceder com um cuidado para esclarecer e resolver o problema da expressão no seu sentido distinto.

Experiência de si, percepção de si⁵⁷: é inicialmente (para mim) um eu corporal carnal, é um eu inteiro que é uniformemente testado e percebido ao redor desse núcleo e naturalmente em relação com um meio de sua estratificação.

Do ponto de vista ideativo: eu em relação com um ambiente. Se este deve ser um mundo de experiência exterior, um modo⁵⁸ de percepção, então ele deve ser um mundo em relação a uma camada nuclear (*kernsicht*) central, [com um] corpo de carne interno que se exterioriza por mim mesmo. Este exteriorizar é um conceito de expressão, e ver *outro* carnalmente, ver como ele é traço por traço⁵⁹, é compreender esta “expressão”, é “atingir”⁶⁰ a apresentação motivada aqui: isto que é uma apercepção, mas não um atingimento de ato⁶¹ de julgar objetivamente o que isso indica e concluindo a partir daí o que é indicado. A “indicação” no sentido de indicar objetivo (qualquer coisa de objetivo indica qualquer outra coisa do objetivo⁶²) não está presente aqui, pois eu não começo por segurar⁶³ e colocar para si a coisa “corpo de carne” para em seguida, em segundo lugar, segurar e colocar o outro homem. O homem estrangeiro não é de fato uma “alma” separada de um corpo de carne, mas ele é homem e ele está lá para mim, de forma perceptiva dentro da sua existência corporal carnal efetiva; eu apenas o tenho sobre o mundo de doação⁶⁴ original na qual não me é dado “propriamente” de forma perceptiva nada além de sua corporeidade de carne externa, enquanto sua interioridade [me é dada] por apresentações. Tal como este de uma coisa física é percebido propriamente e impropriamente não são objetos separados e postos em relação uns com os outros por uma inferência ou uma “indicação”, do mesmo modo ele vai aqui.

Ora, como chegamos à expressão em outro sentido⁶⁵, em um sentido que designa um ato em vista de um fim (*zweckvolles*) e uma atividade, uma efetuação em vista de um fim? A exteriorização original de um interior, que pertence à constituição de um sujeito egóico animal e humano, é um evento subjetivo que, como todo evento parecido, é submetida à livre-escolha⁶⁶ eventual e pode então ser imbricado nas ações em vista de um fim. Quais são esses motivos? Uma repetição ou um reforçamento de exteriorização podem induzir a uma descarga de alívio dos afetos⁶⁷ subjetivos e serem produtos de certo modo de livre-escolha⁶⁸. O grito involuntário do animal ou do homem doente torna-se um grito voluntário. Não é uma comunicação natural, mas é uma exteriorização visando um fim.

Uma certa forma de comunicação, uma comunicação propriamente dita, como é o caso de todo traço distintivo. O que originalmente evocava um subjetivo como originário dele é deliberadamente produzido (como um analogon) para evocar. Esses são os casos de indicação na esfera egológica (indicação em um sentido ampliado).

Comunicação a outrem. Eu percebo que eu reconheço em um todo exterior um interior de outrem. Eu produzo algo parecido comigo mesmo com o objetivo de fazê-lo perceber e em seguida impressioná-lo. Aqui surge a linguagem. A expressão voluntária⁶⁹ não é ainda linguagem, ainda que a linguagem seja expressão. Aqui entra em questão a intencionalidade diversamente articulada na qual se constituem etapas de coisa, de estados de desejos, de estados do querer (referências práticas, ações dentro de suas articulações intencionais), e é dolado das doações noéticas e ônticas e em relação ao meio comum a todos. Unidades bilaterais da indicação e do que é indicado.

Não se perguntará mais aqui sobre a questão de saber o que pressupõe, pelo que compreende como para o seu parceiro, a possibilidade de uma expressão linguageira que pode efetivamente passar por uma expressão linguageira e ser lida como tal, e que traz efetivamente consigo alguém que se exprime; [não se perguntará mais] de saber o que é aqui a condição de possibilidade de uma apresentação do que se exprime. Mas, está claro que como eu me exprimo, não posso abrir mão do meu corpo de carne, e também não posso apresentar outro igualmente senão como sujeito corporal de carne.

É os instintos? A possibilidade de colocar a nu os instintos, como eles se referem às coisas ou aos seres viventes, pressupõe a origem da percepção e da perceptividade. Nenhum animal pode fazer a experiência original do mundo exterior pelo instinto alimentador. É se as crianças têm instintos inatos que as trazem às vezes ao mundo exterior, à coisidade⁷⁰, tem certamente uma grande importância. Mas é uma representação vaga, uma intenção vaga? Eis a grande diferença entre o preenchimento de representações vazias e a revelação⁷¹

57 Nota do Editor: Autoexperiência, autopercepção (*Selbsterfahrung, Selbstwahrnehmung*)

58 Nota do Editor: mundo de percepção (*Wahrnehmungswelt*)

59 Nota do Editor: *wie er lebt und lebt*

60 Nota do Editor: realizar (*vollziehen*)

61 Nota do Editor: realização do ato (*Aktivvollzug*)

62 Nota do Editor: um objetivo indica um outro (*ein Objektives zeigt ein anderes an/quelque chose d'objectif indique quelque chose d'autre d'objectif*)

63 Nota do Editor: capto (*erfasse*)

64 Nota do Editor: no modo doação (*Gegebenheitsweise*)

65 Nota do Editor: como se chega a expressão em outro sentido (*Wie kommt es nun zum Ausdruck in einem anderen Sinn*)

66 Nota do Editor: a uma possível arbitrariedade (*der möglichen Willkür unterhegt*). Na tradução francesa, está como “libre-choix”.

67 Nota do Editor: afetos subjetivos (*subjektiven Affekte*)

68 Nota do Editor: arbitrariamente produzido (*willkürlich erzeugt*)

69 No francês: “L’expression volontaire...”. No original em alemão: *willkürlich ausdrück* (“A expressão arbitrária..”). Nota do Editor.

70 Nota do Editor: *dinglichkeit*

71 Nota do Editor: desvelamento (*Enthüllung*)



de apresentações instintivas vagas.

Para uma criança “recém-nascida” os dados tácteis e visuais teriam inicialmente então os horizontes. Antes de “toda experiência”. Mas, de fato, não há, propriamente, o que se falar de “antes de toda experiência”. De qualquer forma, os processos de formação de unidades constitutivas estão continuamente em curso. Mas com isso, ainda não se faz a experiência de um *ambiente*⁷² como um mundo coisal⁷³, como mundo no verdadeiro sentido do termo ([um mundo] a casualidade espaço-temporal, [um mundo] espiritual). Pode-se pretender que os dados sensíveis tenham já de antemão uma função de perfil, de horizontes do sentido coisal⁷⁴, breve que se venha a *coisas*, mesmo que imperfeitamente? A isso se opõe naturalmente o comportamento dos cegos de nascença que, após uma operação, devem penosamente/insuportavelmente aprender a ver.

Como se deve “pensar” os instintos originais na sua interioridade e sua especificidade fenomenológica? Qual é o nosso material próprio de compreensão original? Fenomenologia em nossas próprias tendências desde sempre instintivas, mesmo após sua revelação⁷⁵. Podemos nós recuperar inteiramente a revelação⁷⁶ e enunciar algo da intenção vazia precedente?

Podemos nós classificar as representações vazias? Não subsiste no que concerne aos horizontes, a diferença de uma “prefiguração” mutante? Uma prefiguração não tem uma “origem” em intuições anteriores ao menos análogas, dentro das constituições originais mergulhadas na vacuidade e nos hábitos?

A fome “chama a saciedade”, os “comichões” chamam para se coçar, a dor tem por conteúdo uma tendência a se livrar dela, um desagrado que deve ser afrouxado, e, para dizer verdadeiramente, devemos distinguir entre o “eu quero escapar disso” ativo e a passividade da tensão, do “avançar para”. Mas as representações vazias já estão lá subjacentes? Há uma orientação vazias, e dentro da revelação, a descontração/gatilho coincide entretanto com a representação, e a tendência a sair disso inerente a série de representações é a via de sua realização. A possibilidade de uma lembrança ou de uma presentificação aparentada a isso, o livre “eu posso” ou “eu quero” orientados em direção a uma certa presentificação e em direção à posição de um objetivo de efetuação prática, governada/dirigida por esta presentificação, não pertence ainda à intenção desvelada de uma tendência. Falta ainda o caráter do conhecimento e seu contrário, o caráter do não conhecimento; no lugar disso, nós temos uma privação do caráter do conhecimento.

Nós devemos então proceder fenomenologicamente a uma distinção mais clara entre horizontes vazios e horizontes de representação vazios⁷⁷. A consciência vazia como [consciência] instintiva não desvelada, ainda não é [uma consciência] *representando* ao vazio⁷⁸. Eu poderia igualmente dizer que ainda não existe a tese doxa ativa e uma tese doxa não é uma tese ainda possível.

A criança que acaba de ter acesso à consciência *não tem o mundo de representação*, ela tem apenas as representações que ela mesma adquiriu e que ela continuou a adquirir. O começo é a consciência originária do tempo, o reino da associação e das mais originárias constituições⁷⁹. E vai assim do mesmo modo a edificação constitutiva da “representação” da corporeidade própria e do meio. Sem dúvida, os instintos originários ajudam aqui como forças de impulsão (*Triebkräfte*), mas nenhum mundo de representação é ainda constituído por eles-mesmos dentro de um começo tão reduzido.

Quais problemas constitutivos são necessários esboçar aqui para a formação da representação do próprio eu animal-humano (da pessoa no sentido mais amplo), do ambiente existencial⁸⁰, do ambiente mínimo⁸¹, inclusive do ambiente pessoal (e outras pessoas) com predicados e significações interpessoais e egótica?

O princípio direcionador deve manifestamente ser o de que nossas sujeições nós sujeitamos as “percepções”, todos os tipos de autonomação⁸² originária na hierarquia de sua originalidade, tal como há muito tempo não se trata precisamente de uma autodominação⁸³, a uma elucidação compreensiva⁸⁴ uma elucidação⁸⁵ de sua intencionalidade, *et*, para dizer a verdade, como [intencionalidade] de representação.

Nós temos então também a tarefa⁸⁶ de exercer sobre elas uma modificação eidética e de investigar *a priori* as possibilidades e as necessidades.

Assim, ser-nos-á preciso estabelecer a título de exemplificação como subjacente o que nós temos, nós-mesmos, como experiência efetivamente autodoadora, e não atribuir falsamente, em virtude de considerações exteriores, as autodoações por substrução que nós não podemos precisamente ter nós-mesmos como experiência ou *quase-experiência* da objetividade concernente. Segue-se então um falso método quando, em virtude da observação exterior do comportamento de pequenas crianças, chega-se à conclusão das autodoa-

72 Nota do Editor: *Umwelt*

73 Nota do Editor: *Dingwelt*

74 Nota do Editor: coisal (*Dinglichen*)

75 Nota do Editor: desvelamento (*Enthüllung*)

76 Nota do Editor: desvelamento (*Enthüllung*)

77 Nota do Editor: horizontes vazios e horizontes de representações vazias (*Leerhorizonte und Leervorstellungshorizonte*)

78 Nota do Editor: representando ao vazio (*Leervorstellend*)

79 Nota do Editor: das mais originárias associação e constituição (*der ursprünglichsten Assoziation und Konstitution*)

80 Nota do Editor: coisal (*dinglich*)

81 Nota do Editor: em geral (*überhaupt*)

82 Nota do Editor: autodoação (*Selbstgebung*)

83 Nota do Editor: contanto que seja apenas autodoação (*solange sie nur eben Selbstgebung ist*)

84 Nota do Editor: *einer verstehenden Aufklärung*

85 Nota do Editor: *Aufklärung*

86 Nota do Editor: *Wir haben dann auch die Aufgabe*



ções⁸⁷, cujo equivalente nós mesmos não poderíamos vivenciar⁸⁸. Todaintepretação fenomenológica verdadeira deve encontrar seu modelo dentro do autodiscernimento originário. Em consideração a isso, a teoria da entropatia que se encontra em *Scheler* é um contra pé de uma teoria verdadeiramente fenomenológica. O erro fundamental do mau nativismo é que, independentemente de sua incapacidade sensualista para compreender o método da análise imanente das estruturas intencionais, ele pressupõe “representações” inatas, mesmo representações universais muito indeterminadas, e não atribui a todo desenvolvimento, que a função de determinar mais precisamente, essa universalidade indeterminada. Não se tem ainda fenomenologia⁸⁹ quando se fala de “representações vazias” e quando se recorre à intencionalidade em suas explicações. É preciso entender o que é a atuação da intencionalidade e trazê-la para a compreensão de sua atuação plena, isto é, tornar compreensível para todo tipo de objetos, de qual material estrutural e por quais sínteses intencionais eles aparecem: eis o papel da fenomenologia⁹⁰. A fenomenologia é a ciência e, para ser honesto, é a ciência última que provê a elucidação⁹¹ compreensiva. Mas, assim fazendo, ela quer produzir uma elucidação⁹² racional, ou seja, a compreensão da necessidade vista na qual a figura se constitui sobre as leis da essência (leis das estruturas essenciais e das prestações possíveis de cada intencionalidade).

Eis aqui para a “intropatia”. Inicialmente, é uma percepção normal de outros homens e depois dos animais, como tais. Nós devemos elucidá-lo de maneira intencional, nós devemos esclarecer as intencionalidades implicadas, e o que já necessita⁹³ de fato de um abc de intencionalidade e, por assim dizer, de uma gramática de intencionalidade. Em seguida, nós devemos considerar as anomalias, assim como as pretendidas aparições de espíritos, o comércio com os defuntos, etc., a possibilidade da pretendida apresentação de espíritos sem presença corporal de carne, corporalmente perceptíveis por nós, as apresentações que não seriam ditas em si percepções mediatas, mais percepções imediatas.

Se eu tenho uma teoria fenomenológica da intersubjetividade, uma extensão da redução fenomenológica à comunidade de questões [Subjekten] pessoais, então será necessário metodicamente que eu persiga⁹⁴ inicialmente esta extensão trazendo-a para a intersubjetividade humana experimentada normalmente. Somente a teoria não será completa, se eu não trago minhas investigações sobre os outros pretensos modos de autoação pessoas estrangeiras.

APÊNDICE XLII APARIÇÃO DO ESPÍRITO (O EXTERIOR COMO CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE DO ALTEREGO) (provavelmente 1924)

A *intropatia* pressupõe um *corpo de carne*. Opõe-se, a isto, a objeção a que Becker^{95d} devolveu a honra: há doentes mentais que dizem trazer em si, um outro eu. Eles escutam vozes, discursos neles, e não no exterior/fora deles.

Eu respondi a esta objeção com minha antiga distinção entre corpo de carne externo e corpo de carne interno. Minha opinião, há muito tempo⁹⁶, era que apenas por meio de um entrelaçamento com o exterior que pode ser objetivamente colocado um interior e que um *alter-ego* pode então “existir” para mim.

A *intropatia* se realiza por indicação análoga. Por “corpo de carne interna”, eu gero originalmente os “discursos”, sequenciais de sons que induzem originalmente e de maneira associativa (e eles são ligados como “coexistentes”) certas vivências psíquicas próprias. Estes aqui são, enquanto tais, vivências originárias (*originäre*). Mas as sequências de sons parecidos não poderiam vir sem esse acompanhamento original, indicar como co-existentes os mesmos vividos que não seriam os meus? Dir-se-á talvez: sim, é precisamente porque eles “lembram” um “discurso” próprio; mas esses aqui não são exata e efetivamente os meus e seus traços⁹⁷. Mas um discurso, que está em dois sentidos⁹⁸, é primeiramente uma sequência sonora “estranha a mim”, e em seguida [algo que] escoo de maneira “interna”, cinestésica, por corporeidade de carne interna, e neste contexto alguma coisa que é ou está motivada interiormente. Este duplo sentido concreto do “discurso”, do que escoo “de forma subjetiva” e do que escoo eventualmente dentro no traço de linha/tendência e engendramento, eis aqui o que é essencial. Mais ainda: não somente o curso como o curso no agir subjetivo (a palavra/a fala, o canto), mas [o curso] da expressão de um movimento afetivo (*Gemütsbewegung*), de um pensamento subjacente, etc. Entrelaçamento da expressão e do exprimido segundo todas as aparências, todas as articulações, todas

87 Nota do editor: autoações (*Selbstgebungen*)

88 Nota do Editor: *deren Gleiches wir nicht selbst erleben können*

89 Nota do Editor: Não se é ainda fenomenólogo (*Man ist noch nicht Phänomenologe*)

90 Nota do Editor: a tarefa fenomenológica [*die phänomenologische Aufgabe*].

91 Nota do Editor: *Aufklärung*

92 Nota do Editor: *Aufklärung*

93 Nota do Editor: *para o que nós necessitamos [wozu wir ... brauchen]*

94 Nota do Editor: execute (*durchführe*)

95 ^d Provavelmente é Oskar Becker, que foi um discípulo de Husserl em Friburgo em Breisgau (Nota da Tradução francesa).

96 Nota do Editor: Minha velha opinião (*meine alte Meinung*)

97 Nota do Editor: são riscados (*sind durchstrichen*)

98 Nota do Editor: *Aber Reden, das ist zweiseitig*



elas formas (de expressão sensível e do exprimido).

Quais as condições de possibilidade para que a indicação seja aqui existencial e então concretamente possa simultaneamente⁹⁹ o expresso como pensamento (*Geimeintes*) e, além disso, de uma maneira que associativamente vai de si em um contexto subjetivo evidentemente mais amplo que a via egóica?

Em geral, o que torna isto possível para nossa intropatia normal é o entrelaçamentoda corporeidade de carne interna e da corporeidade de carne externa, graças a que o eu [se] exprimindo, constituiu na sua vida constituinte¹⁰⁰ um mundo espacial, e no interior deste, um corpode carne material espacial. *O corpo de carne física* está lá, objetivamente, experimentado¹⁰¹, e continuamente experienciável¹⁰², e em co-posição¹⁰³, na constituição concomitante de uma coexistência recíproca, ele é uma corporeidade de carne interna. Um corpo de carne estranha está para mim como uma coisa física, e a co-posição¹⁰⁴ de um corpo de carne interna e de uma subjetividade tem seu apogeu/auge no “ser em si” desta coisa corporal carnal (*coisa do corpo*) (mesmo se ela não foi experienciada¹⁰⁵) e nos desdobramentos de expressões estranhas, se preenche sobre a co-posição do psíquico¹⁰⁶. estranho.

Uma tal prestação é possível sem objetivação transcendente?

Enquanto¹⁰⁷ eu não tenha constituído objetividade, eu tenho apenas a imanência, e na imanência, o estranho a mim como consecuições de dados das sensações na forma imanente do tempo, e fazendo eventualmente irrupção sem motivação. Toda motivação e indicação não é então mais que imanente e só se pode ter o “exprimido”, do indicado dentro do meu contexto; como atualmente coexistente, estaria o coexistente presente do vivido de si e se ele está indicado, ele deveria poder ser encontrado em um contexto próprio. Caso contrário nós teríamos um conflito e uma eliminação. Eu posso enriquecer o campo temporal completo transportando a mim mesmo pelo pensamento, mas o que resulta simplesmente desse transporte pelo pensamento é a luta com o vivido^{108e}.

Em contrapartida se eu já constituo a objetividade, então a corporeidade de carne objetivaindica¹⁰⁹, e o que é indicado, são as séries de eventos objetivos direcionados à corporeidade de carne, as mímicas, os gestos, a palavra pronunciada e escrita, que não significa uma simples sucessão de sensações, mas que é um texto objetivo¹¹⁰ objetiva, algo acústico do mesmo gênero que os sons de sinos etc., que são em si, mesmo que a gente não os entenda¹¹¹.

E a indicação está ligada a um *analogon* do meu corpo de carne exterior, que abriga¹¹² para mim um corpo de carne interior, ou antes, este corpo de carne é para mim algo como que aparecendo¹¹³, e no contexto subjetivo, engajado nas motivações, à medida das quais eu posso movimentá-lo, engendro com ele alguma coisa de objetivo até ele mesmo (como que ele é exterior) e até em outras coisas subjetivas por meio de ações subjetivas, etc.

Se eu vejo um *analogon* do corpo de carne, eu, porém, não doei um corpo de carne nos modos de aparição interna do meu corpo de carne, nem nos contextos dentro dos quais a unidade “este corpo de carne” tem, ao lado do que é tornado análogo a ela uma outra coisa, uma multiplicidade de características objetivas que a determinam essencialmente, que não podem ser separadas delas. Cada um das outras coisas aparece também, mas sua aparição apenas funciona como “percepção de”; e o que é uma coisa, é ela independentemente de todosos modos de doação subjetivos, os quais não a determinam ela mesma. O corpo de carne estranho em comparação a um corpo de carne indica um sistema de aparição como sistema interno, que é um limite que eu não posso verdadeiramente alcançar o que impede¹¹⁴ meu próprio corpo de carne. Aqui surge a tarefa difícil de esclarecer efetivamente as motivações e de penetrar o olhar dentro da sua necessidade, de forma que sejam evidentes a posição de umasegunda subjetividade e a impossibilidade da luta do psíquico assim motivado com o que é motivado como “psíquico em si próprio” (dentro de um contexto de tempo imanente).

99 Nota do Editor: coloque (*mitsetzt*)

100 Nota do Editor: constitui na sua vida constituinte (*konstituiert in seinem konstituierenden Leben*)

101 Nota do Editor: experimentado (*erfahren*)

102 Nota do Editor: experienciável (*erfahrbar*)

103 Nota do Editor: co-posição (*Mitsetzung*)

104 Nota do Editor: co-posição (*Mitsetzung*)

105 Nota do Editor: experienciada (*erfahren*)

106 Nota do Editor: psíquico (*Seelisch*)

107 Nota do Editor: Conquanto (*solange*)

108 e O interior tem sua motivação bem determinada. O que é co-indicado está lá vivo contra a motivação efetiva. O problema *desse* conflito! (Nota da Tradução francesa).

109 Nota do Editor: corpo de carne objetivo indica (*indiziert objektive Leiblichkeit*)

110 Nota do Editor: *Wortlaut* (texto, formulação).

111 Nota do Editor: escute (*hört*)

112 Nota do Editor: abriga (*birgt*)

113 Nota do Editor: aparente (*Erscheinendes*)

114 Nota do Editor: entrava (*hindert*)